

GESTÃO ESCOLAR NA PANDEMIA: O CASO DA EREM GINÁSIO PERNAMBUCANO AURORA

PAULO BRUNO JOSÉ FERREIRA DE BRITO

Mestre em Educação pela Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte - PE, pjfbrito@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Escola mais antiga em funcionamento da América Latina, a EREM Ginásio Pernambucano Aurora (GP) carrega, na sua história, forte simbologia por ter sido o celeiro de grandes personalidades como Epitácio Pessoa, Agamenon Magalhães, Clarice Lispector e Ariano Suassuna (MONTENEGRO, 1979); além de ter originado a célula mãe do Ensino Médio Integral de Pernambuco de 2004 a 2008 (MAGALHÃES, 2008). Esses elementos a fazem ser uma escola de renome com grande concorrência para matrícula e também referência para as demais escolas da Rede estadual de Pernambuco, além de tantas outras ao redor do Brasil, que implantaram o ensino integral replicando as principais experiências nela construídas.

Com essa breve contextualização, fica clara a dimensão do desafio da gestão escolar quando as aulas presenciais foram suspensas. Dentre algumas grandes questões que foram consideradas naquele momento, estiveram as seguintes: Como fazer o GP acontecer para que seus 686 alunos continuassem aprendendo? Como permanecer sendo inspiração para as outras escolas? Como começar do zero um GP digital num cenário inédito cercado pelas cortinas das incertezas?

Este relato não pretende narrar sucintamente a transformação acontecida no Ginásio Pernambucano no início da pandemia de COVID-19, no período que vai de março a setembro de 2020, quando funcionou de forma exclusivamente remota.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O propósito inicial definido pela gestão foi o de manter os estudantes aprendendo e de permanecer inspirando outras escolas. Para isso foi-se buscando maneiras de manter o diálogo com os estudantes e responsáveis por meio dos grupos já ativos no WhatsApp: um com líderes de turma e o outro com comissão de responsáveis. A primeira fase do trabalho da escola se deu através de um guia de estudos enviado nesses grupos já no dia subsequente a suspensão das aulas, 19 de março. No início de abril, a escola já estava com uma rotina de envio de atividades e foi recebendo *feedback* dos estudantes. A partir desse *feedback*, surgiu o consenso de que seria necessária uma estratégia unificada para envio de atividades. Optou-se, pois, pela criação de salas no Google Classroom e daí foram sendo ajustados o volume, os horários e os prazos das mesmas. Essa foi a segunda fase de funcionamento remoto da escola.

Nesse período, a gestão também definiu suas linhas de atuação, especialmente na dimensão pedagógica: a) estimular os professores a produzirem; b) motivar os estudantes e buscar engajá-los nas atividades; c) diversificar os canais de comunicação com a comunidade escolar; d) tentar oferecer algum suporte emocional à equipe e aos estudantes.

Nessa esteira, foi criado o Movimento “Mais Empatia por favor”, que começou com o envio de vídeos pelos líderes de turma e de professores para fortalecer os estudantes; o gestor passou a fazer *lives*, nas segundas e sextas, no Instagram da escola (reproduzindo seu hábito de cumprimentar cada turma na segunda pela manhã e se despedir de todos no portão de saída na sexta à tarde). Essas *lives* passaram a ser um momento não só de acolhida, como também, um informativo para toda a comunidade escolar. A gestão buscou apoiar os professores, apresentando a estes uma nova ferramenta digital a cada reunião, cujo objetivo era realinhamento nas ações, repasse de *feedbacks* e/ou estímulos a novas práticas. Procurou-se manter o equilíbrio na quantidade de reuniões, considerando os desafios das rotinas domésticas e as pressões emocional e psicológica que todos já estavam sofrendo. Nesse contexto foi criada a Sala dos Professores no Google Classroom. Por lá, eram disponibilizados materiais e também havia o recebimento dos planejamentos e evidências do trabalho deles com as turmas.

Para monitorar o trabalho pedagógico, a equipe foi dividida e cada integrante ficou responsável por acompanhar um grupo de professores, dando assistência a estes e aos estudantes. Vale mencionar que foi proposta a organização de um horário de aulas por meio de videoconferências no início do mês de maio. Mesmo reconhecendo que era preciso interagir mais com os estudantes, os professores não aceitaram a ideia por três principais motivos: 1) dinâmica doméstica que impossibilitava, por exemplo, as mães de bebês de colo a dar aula com o filho dependendo dela; 2) alguns declararam que não se sentiriam à vontade; 3) outros não tinham equipamento eletrônico ou Rede de internet em casa que suportasse essa dinâmica. Em virtude disso, a gestão recuou da ideia por reconhecer a legitimidade das limitações apresentadas pelos professores.

Em contrapartida, daí em diante a oferta de atividades passou a se diversificar: alguns deles começaram a fazer uso das videoconferências, outros intensificaram *lives* no Instagram, criaram perfis para disseminar videoaulas de suas autorias, *cards* e também *podcasts*. Coube à gestão, acompanhar e dar suporte a tais iniciativas. É válido ressaltar que, apesar de ter um número expressivo de estudantes com acesso às atividades *on-line*, nem todos dispunham de conectividade ou de aparelho para

atividades síncronas como videoconferências. Logo, essas atividades, ficando como complementares aos conteúdos lançados na Sala Virtual, acabaram por trazer duas características a essa terceira fase: as estratégias foram diversificadas e a inclusão de todos foi reforçada. O trabalho pedagógico da escola foi se fortalecendo e veio a necessidade de chegar mais junto das famílias. Para tanto, realizou-se o I Encontro Virtual Família-Escola no canal do Youtube e, após receber um smartphone do Estado, foram criadas listas de transmissão com os responsáveis para fortalecer a comunicação e obter mais apoio deles.

Por conseguinte, olhando para um futuro que estava bem próximo, a gestão criou em parceria com todos os segmentos da escola, um Comitê de Planejamento da volta às aulas presenciais. Tal Comitê se reunia a cada nova orientação ou protocolo que a Secretaria de Educação lança, com o fito de criar soluções em conjunto para o funcionamento da escola em sua nova fase de convivência com a COVID-19, que seria o retorno presencial.

3. RESULTADOS

Para se manter na vanguarda, foi importante ter em mente que as entregas durante este período estariam relacionadas não apenas ao crescimento intelectual dos estudantes, mas especialmente aos seus aspectos emocionais e psicológicos. Para isso, a gestão buscou redirecionar o olhar para os resultados, apostando que as atividades não presenciais que eram ofertadas tinham um valor que ia além do cumprimento de currículo ou construção de carga horária. Elas eram uma forma de manter a conexão entre escola e estudantes, de continuar o vínculo, de o canal permanecer aberto e de tentar oferecer motivos para se ter esperança, para ir ensaiando passos no novo normal e não perder de vista os projetos de vida de cada um deles.

Na dimensão pedagógica os professores marcaram grande presença nas redes através de: 20 perfis no Instagram, 5 canais no Youtube e 59 grupos de WhatsApp. Esse esforço configurou parte das estratégias complementares que foram sistematizadas, pois a estratégia unificada de envio de conteúdos se deu por intermédio de 240 salas no Google Classroom, onde além de tirarem dúvidas dos estudantes, diariamente eram enviados conteúdos de cada disciplina conforme manual divulgado com a comunidade. Na oferta de atividades síncronas, o Instagram e o Google Meet chegaram a ser usados pelo menos 211 vezes: 62 lives e 179 videoconferências de março a agosto.

No que diz respeito, ao engajamento dos estudantes referente aos envios realizados pelo corpo docente, a escola apostou em monitoramento e busca ativa. O monitoramento considerou a participação deles nas entregas de atividades nas Salas do Google. Os dados foram divididos em três faixas considerando que eles tinham 14 disciplinas: 55% estavam realizando atividades de 9 a 14 disciplinas (ótimo/bom); 26% entregavam atividades de 06 a 08 componentes (médio); e 19% estavam no patamar insuficiente/ preocupante, pois entregavam de 0 a 05 disciplinas.

Ficou claro que a grande maioria dos estudantes estava sendo alcançada; entretanto os demais foram procurados para compreender os motivos da sua participação média e/ou insuficiente. Para isso, foi realizado o primeiro processo de busca ativa, o que possibilitou entender as condições de acesso de cada um; se os responsáveis sabiam ou não como a escola estava funcionando e quais canais utilizar quando precisassem de fazer alguma solicitação ou obter informações. A partir de tais ações, foi possível perceber a “chegada” de alguns alunos que não estavam participando antes das atividades supracitadas. A partir daí a Busca Ativa tornou-se sistemática e permanente na rotina de trabalho da gestão, conseguindo, por exemplo, aumentar a participação dos responsáveis através das listas de transmissão de 144 em julho para 403, no início de setembro.

Diante das considerações expostas, a escola, que é feita de gente e para gente, foi abrindo as cortinas das incertezas e tomando sua forma, num cenário inédito, em um percurso de testar, voltar, corrigir, ir, (re) fazer. Essa postura foi importante em toda a equipe, contudo foi crucial na equipe gestora, pois a gestão não faz tudo, nem pode tudo, mas ela tem o seu papel: dar suporte às estratégias para aprendizagem e inspirar todos os segmentos a se manterem alinhados ao propósito da instituição, cujo DNA de tradição e inovação se manteve mais imponente que um vírus.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Marcos. A juventude brasileira ganha uma nova escola de Ensino Médio: Pernambuco, cria, experimenta e aprova. 1. ed. São Paulo: Abatroz: Loqui, 2008.

MONTENEGRO, Olívio. **Memórias do Ginásio Pernambucano**. Recife: Assembleia Legislativa de Pernambuco, 1979.